



Fotos Raquel Cunha/Folhapress

Bruna Buozi, aluna de enfermagem, e Girlaine Vilalva, que faz o curso técnico na área

Técnico em enfermagem tem mais opções de área de atuação

Auxiliar tende a desaparecer; mercado se ressentido da qualificação deficiente

KARINA PASTORE
COLABORAÇÃO PARA A FOLHA

A baiana Girlaine de Jesus Gomes Vilalva era menina quando decidiu trabalhar com enfermagem. Com o certificado de auxiliar de enfermagem desde maio de 2015, ela, hoje com 25 anos, trabalha no centro de diagnósticos de um hospital de São Paulo.

Porém quer mais do que abrir materiais estéreis quando o médico pede. No fim do ano, forma-se técnica em enfermagem na Faculdade Israelita de Ciências da Saúde Albert Einstein, na capital paulista. O diploma lhe abrirá as portas de uma área vedada a auxiliares: os centros de terapia intensiva.

Girlaine ilustra à perfeição o ensino técnico de enfermagem no Brasil. “A figura do auxiliar tende a desaparecer”, diz Andrea Mohallen, coordenadora do curso de graduação em Enfermagem, da Faculdade Albert Einstein. O técnico não só ganha mais, como tem uma opção maior de áreas de atuação. Entre 2010 e 2015, segundo o Conselho Federal de Enfermagem (Cofen), o número de novos registros de auxiliares caiu de 18.480 para 16.635. Tudo indica que, em 2016, a curva descendente será mais acentuada: até setembro, apenas 9.652 auxiliares solicitaram registro na entidade.

Em meados dos anos 2000, seguindo uma orientação do Conselho Nacional de Educação, os cursos específicos para auxiliares de enfermagem começaram a ser extintos. São Paulo é o único Estado que ainda forma auxiliares. O estudante se inscreve no curso para técnico e, no meio do curso, recebe a habilitação em auxiliar. O Cofen é obrigado a registrar esse profissional, previsto nas normas que regem a profissão de enfermagem. “Nossa grande preocupação é que, uma vez empregado, o auxiliar nem

volte para terminar o curso”, diz a enfermeira Dorisdaia Carvalho de Humerez, conselheira do Cofen. “E, por ser mão de obra mais barata, ele assua as funções de técnico.”

A grande preocupação dos especialistas refere-se à falta adequada da regulamentação do ensino e a uma fiscalização e controle de qualidade precários. “O mercado de trabalho já se ressentido da má formação dos profissionais de enfermagem”, diz Ariadne da Silva Fonseca, presidente da Associação Brasileira de Enfermagem, de São Paulo. Quando começa a trabalhar em um hospital, por exemplo, o enfermeiro ou técnico de enfermagem passa por um treinamento. Hoje, o tempo médio para essa capacitação é de um mês. “Muitos não sabem sequer a posição correta da agulha para dar uma simples injeção”, completa.

A falta de habilidade de muitos enfermeiros e técnicos recém-chegados ao mercado coincide com a explosão dos centros de ensino à distância. Em um ano, esse polos saltaram de 938 para 1.778 —um aumento de inacreditáveis 89,3%. Atendendo a uma solicitação do Ministério Público Federal, em julho de 2015, o Cofen deflagrou a operação EaD, e 118 fiscais foram checar as condições dessas escolas.

A conselheira do Cofen afirma que o cenário encontrado foi “estranhador”: a maioria não tinha bibliotecas, laboratórios nem convênio com hospitais para realizar estágios. “A população brasileira está em risco.”

Bruna Calciolari Buozi, do 3º ano de graduação, na mesma escola que Girlaine, resume como vê a profissão. “Quando terminei o colegial, pretendia ser médica. Mas, conversando com um enfermeiro, percebi que não era medicina. Sempre quis estar perto do paciente. Meu lugar é na enfermagem.”

DA TEORIA À PRÁTICA

Veja a diferença na formação e atuação de profissionais da enfermagem

AUXILIAR DE ENFERMAGEM

Formação

1.200 horas, sendo 400 em estágio

Atuação

- > Executa ações de tratamento simples, como medição da temperatura e da pressão arterial
- > Cuida de higiene e conforto do paciente

Salário médio inicial: R\$ 2.000

TÉCNICO EM ENFERMAGEM

Formação

1.900 horas, sendo 600 em estágio supervisionado

Atuação

- > Executa ações assistenciais de enfermagem
- > Presta assistência ao paciente de média e alta complexidade

Salário médio inicial: R\$ 2.900

ENFERMEIRO

Formação

4.000 horas, no mínimo, em 5 anos

Atuação

- > Supervisiona a equipe de enfermagem
- > Consulta de enfermagem, como aconselhamento sobre aleitamento materno
- > Cuida de pacientes graves, em risco de vida, de maior complexidade técnica e em casos que exijam decisões imediatas
- > Presta orientações sobre saúde básica
- > Prescreve medicamentos estabelecidos em programas de saúde pública e em rotina aprovada pela instituição

Salário médio inicial: R\$ 3.800

Fontes: Andrea Mohallen (Albert Einstein) e Dorisdaia Humerez (Cofen)

SIMON SCHWARTZMAN

OS DOIS SENHORES DA EDUCAÇÃO MÉDIA

ESPECIAL PARA A FOLHA

A educação média, no mundo de hoje, é chamada a atender a dois senhores: o da qualificação para as atividades profissionais e acesso ao mercado de trabalho, e o da equidade social.

No passado, a questão da equidade não se colocava: os jovens das famílias mais ricas estudavam nas escolas de elite para as profissões de mais prestígio e mais bem pagas, e os mais pobres, ou não estudavam, ou iam para cursos práticos onde eram preparados para empregos de menor prestígio e baixos salários.

O Brasil, nos anos 1940, que até então mal educava suas elites, tentou copiar o modelo europeu, dividindo a educação média entre cursos gerais, para os poucos que se preparavam para as universidades, e cursos profissionais (industriais, agrícolas, comerciais), para os filhos dos trabalhadores.

Na Europa, com isto, foi possível ampliar a educação e criar um operariado competente que se beneficiou do crescimento da economia, sem, entretanto, eliminar as diferenças sociais entre os dois tipos de educação.

No Brasil, a educação profissional de nível médio estagnou, e os empresários, com fortes subsídios, tomaram em suas mãos a aprendizagem dos trabalhadores com o Sistema “S”.

No Brasil e no mundo, agora, as coisas mudaram. Na Europa, o setor industrial diminuiu, os empregos para as qualificações profissionais mais simples se reduziram e a divisão rígida entre educação geral e educação profissional começou a ser vista como discriminatória e em grande parte disfuncional. Enquanto isto, o Brasil ampliou o acesso ao ensino médio, que hoje é obrigatório por lei, e eliminou de vez a possibilidade de trilhas diferentes de formação —a educação técnica, que antes era uma opção, hoje só é aceita como um estudo complementar ao ensino convencional.

Na Europa, ninguém pensa em acabar com os diferentes tipos de formação para a juventude, não só porque a economia moderna requer pessoas com perfis muito distintos, mas também porque as pessoas diferem em seus interesses, motivações e capacidade de estudar e aprender, e não podem ser colocadas em um molde único.

Nos diferentes países europeus, a educação comum, que terminava aos 11 ou 12 anos, agora vai até os 15 ou 16, os conteúdos gerais de linguagem, computação e raciocínio matemático dos cursos técnicos são reforçados, e os certificados técnicos de nível médio, como “bac” técnico francês, são valorizados e dão acesso à educação superior.

A opção brasileira por um currículo médio único, pautado por um Exame Nacional também único, tem uma explicação prática, e outra ideo-

lógica. A prática é que o prestígio e a renda proporcionados pelos diplomas universitários ainda são muito altos, e o ensino técnico, com a exceção dos cursos altamente seletivos dos institutos federais e estaduais, ainda é visto pela população como um caminho menos desejado.

A ideológica é a noção, buscada nos escritos de Gramsci dos anos 1920 e adotada pelo Ministério da Educação, de que a educação técnica, voltada para as necessidades do mercado de trabalho, aliena os trabalhadores e os impede de desenvolver a consciência crítica e revolucionária que só uma educação clássica tradicional poderia proporcionar.

O resultado dessa opção foi que ela não consegue atender a nenhum de seus dois senhores. A educação geral é de péssima qualidade e não produz os quadros técnicos e profissionais com a qualidade e a quantidade necessárias para a economia moderna; e o sistema escolar é fortemente estratificado, com milhões de estudantes submetidos a um currículo tradicional que poucos conseguem acompanhar, na disputa encarniçada do Enem pelas poucas vagas disponíveis na educação superior de qualidade. Parece uma competição por competências, mas por detrás dela estão as profundas diferenças de condições de vida e oportunidades que persistem na sociedade brasileira.

É este duplo fracasso, de relevância econômica e equidade social, que leva à necessidade de se transformar profundamente o ensino médio brasileiro, aproximando-o do que ocorre no resto do mundo, com uma pluralidade de caminhos e alternativas, gerais e profissionais, teóricas e práticas, capazes de dar oportunidades e atender às condições e necessidades de uma população heterogênea e de uma economia que precisa de pessoas capacitadas em todos os níveis para se desenvolver.

SIMON SCHWARTZMAN é sociólogo e integrante do Instituto de Estudos do Trabalho e Sociedade



A EDUCAÇÃO GERAL É DE PÉSSIMA QUALIDADE E NÃO PRODUZ OS QUADROS TÉCNICOS E PROFISSIONAIS COM A EXCELÊNCIA E A QUANTIDADE NECESSÁRIAS PARA A ECONOMIA MODERNA

CINGAPURA

O país oferece cerca de cinco modelos diferentes de formação no ensino médio. Aos 15 anos, em média, o estudante escolhe ou é direcionado (de acordo com seu rendimento no ensino básico) à formação voltada ao mercado de trabalho ou carreira acadêmica. A diversidade de modelos, que inclui a língua em que será dado o curso (chinês ou malaio) dá oportunidade para uma maior parcela da população obter qualificação profissional



ESTADOS UNIDOS

O sistema americano é complexo e fragmentado: os modelos variam muito em cada Estado da Federação e as próprias escolas podem criar seus formatos, já que a grade curricular é flexível. As empresas também podem criar programas de formação profissional dentro das escolas. Não há uma política nacional para o ensino técnico, mas a legislação federal apoia iniciativas das escolas e das empresas



BRASIL

O curso técnico é adicional ao ensino médio regular. Pode ser feito de três formas: integrada, em que o estudante cursa o médio regular de manhã e o técnico à tarde, na mesma instituição; concomitante, onde os dois tipos de curso de nível médio são feitos em instituições diferentes; e subsequente, quando o aluno cursa o técnico após concluir o médio